

A EM MUSEU S RARAS PEÇAS NO MUNDO



Objetos existentes no museu



Técnicas formadas pelo Museu de Mértola, dedicam-se ali ao restauro de preciosas peças de arte sacra

O valioso espólio islâmico existente no Museu

«Era um porto de passagem fundamental, não que Mértola tenha sido muito importante como centro urbano e os habitantes nunca foram mais do que são actualmente, cerca de mil, mas era a grande passagem da exportação do trigo, ouro, cobre, prata e de todas as minas do Baixo Alentejo, e importação de um mercado de luxo. Não é por acaso que temos aqui este conjunto cerâmico, peças que vêm do Egipto, da Síria, de todo o Mediterrâneo e que aqui foram encontradas», referiu o Dr. Cláudio Torres.

Falou-nos da constituição do arquivo da vila, cujo trabalho, de mais de três anos de investigação, está concluído, efectuado por dois investigadores. Material escrito que vem desde 1580, mas fundamentalmente do séc. XVIII. São os arquivos da Câmara, da Misericórdia e de uma aldeia perto, S. Pedro de Solis. «É um conjunto documental muito interessante, fundamentalmente pela sua riqueza dos séculos XVIII e XIX», finalizou o Dr. Cláudio Torres.

João dos Reis

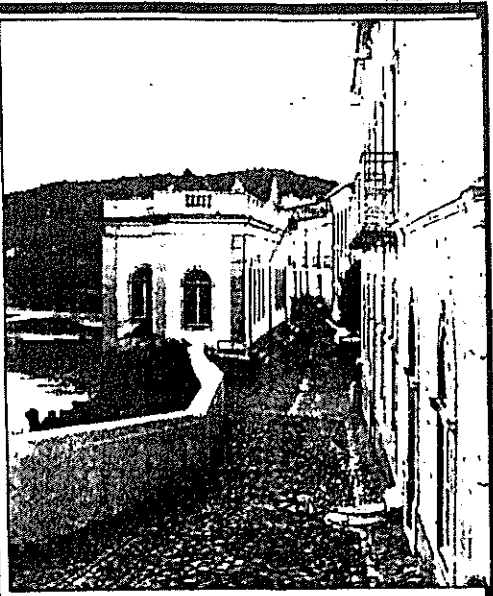
Com ela formaram-se já ali outros técnicos, que actualmente formam uma equipa apta a que essas valiosas peças não se percam, evitando que a sua policromia não se descole da madeira.

UM VALIOSO ARQUIVO INICIADO EM 1580

Mértola foi uma cidade portuária muito importante na época pré-romana e durante o período islâmico.

A sua decadência teve praticamente início com a conquista cristã, que começou, a partir dos séculos XIII e XIV. Foi a decadência política, sobretudo económica. A deslocação das vias terrestres em direcção a Alcácer do Sal e Lisboa também contribuíram para isso.

Mértola era o grande porto de todo o Baixo e Alto Alentejo e inclusive de uma parte importante da actual Espanha. Portos que tinham vias de escoamento, como Beja, Évora e Aljustrel, tudo vinha escoar a Mértola, o porto que depois dava saída para o Mediterrâneo, através de Vila Real de Santo António.



Um típico recanto da vila, sobranceira ao rio Guadiana

Capital islâmica de um reino Taifa

Disposta em anfiteatro sobre um elevado monte, sobranceira à margem direita do Rio Guadiana e tendo à sua esquerda a Ribeira de Coiras, Mértola, como muitos outros antigos assentamentos humanos mediterrânicos, ocupa um sítio excepcional.

Perderam-se na noite dos tempos os indícios dos primeiros grupos de pescadores que ali existiram porque foram certamente pescadores nas águas férteis e rochosas do Guadiana, os primeiros habitantes a fixar-se no promontório peninsular ainda hoje ocupado pela Vila Velha.

Por volta do ano mil, antes da Nova Era, já demandavam Mértola, inúmeras embarcações que vinham trocar objectos manufacturados do Oriente por lingotes de ouro, prata e cobre extraídos e fundidos nas minas de Aljustrel, S. Domingos e Serra da Adiga e transportados, a dorso de mula para este grande porto de embarque.

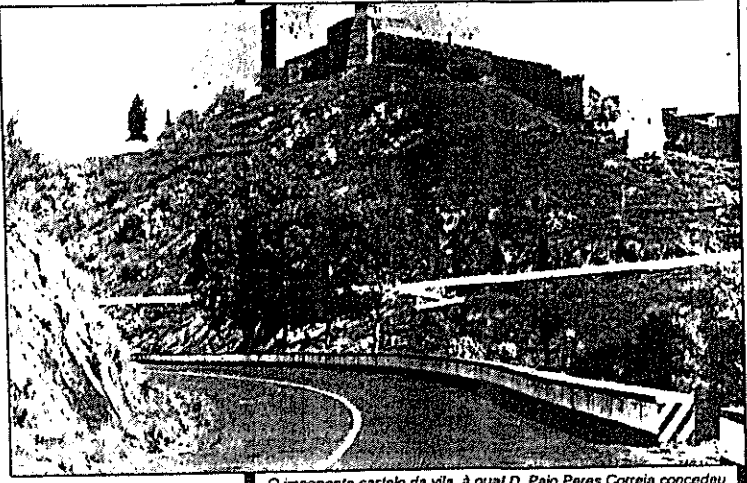
Durante os séculos em que reinou a máquina administrativa e jurídica do Império Romano, Myrtilis (ou Myrtilis segundo ou-

tros documentos), toma-se no grande centro de escoamento mineiro e agrícola de todo o Baixo Alentejo, tendo sido local de habitação de alguns ricos comerciantes que mantinham ali as suas vivendas, e de um corpo de dignitários políticos que se instalaram em palácios luxuosos junto ao Forum Acrópole da cidade, onde hoje se encontra o castelo e a igreja.

Expulsos os romanos, foi a região dominada pelos suavos e depois pelos árabes. Só em 1238 voltou a cair sob o domínio cristão, conquistada por D. Sancho II ou, segundo alguns autores, por D. Paio Peres Correia, que se encontra enterrado na cidade de Tavira.

No ano seguinte à sua conquista, Mértola foi dada à Ordem de Santiago. D. Alfonso III confirmou a doação em 1245, tendo Mértola ficado «como cabeça de ordem em todo o reino».

O mestre D. Paio Peres Correia deu-lhe o primeiro foral em 1254 e o rei D. Manuel concedeu-lhe foral novo, em Lisboa, facto que foi registado no dia 1 de Junho de 1512.



O imponente castelo da vila, à qual D. Paio Peres Correia concedeu o primeiro foral em 1254